

DO SIM AO NÃO: UM OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO¹

Jader Vanderlei Muniz de Souza

INTRODUÇÃO

Durante os últimos cem anos a poesia brasileira viveu um período extremamente rico, com expressão significativa em diversas vertentes. Do *pré* ao *pós*-modernismo, atravessando a própria “modernidade”, o fazer poético nacional apresentou, no século passado, de maneira constante a marca da pluralidade: inovador em alguns momentos, propondo-se a revolucionar a nossa poesia; retroativo em outros, recuperando marcas de antigas escolas de época.

Apoiados nessa reflexão acerca do caráter plural que importantes poetas imprimiram à nossa poesia durante o século XX, interessa-nos ressaltar o caráter sócio-político presente em grande parte desses literatos. Nesse sentido, determinamos como foco de nosso estudo Vinícius de Moraes. O poeta, que em nosso país é um dos mais conhecidos, tem sua obra marcada pelo lirismo, facilmente associável à forma clássica. Pretendemos, na análise de *O Operário em Construção*, poema de 1956, quebrar o estigma do poeta unicamente lírico, cantante exclusivo das mulheres e do Eros. Discutindo o seu caráter social, político, e mesmo marxista (o que é naturalmente válido quando consideramos o contexto histórico da composição), investigamos o que ao nosso ver constitui-se num momento de grande interesse em sua obra.

POESIA E SOCIEDADE.

A linguagem poética sempre constituiu-se num diferencial como elemento de leitura do mundo, da natureza e da sociedade. É nesse limiar, que separa o fantástico do real, que se constrói um universo de aparência inverossímil, transitando entre um e outro lado. Entretanto, esse universo que desconstrói o real, apresentando-o de maneira fantástica, não pode dele separar-se, independizar-se. Pois, não é sua função criar um mundo paralelo, imaginário, um espaço para a fuga; antes, propõe um embate com a vida, reinterpretando-a.

O que importa para o poeta não é a veracidade ou a verdade dos fatos; importa sim que esteja escrevendo aquilo que sente, em palavras que transmitam a sua visão de mundo, seja ela qual for, e mostrando seu combate com a vida. (Paixão, 1982:14)

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “Usos da Literatura pela História: Fontes, Fatos e Narrativas”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

Partindo de concepções como essa, torna-se impossível negar a função social da poesia, seu perfil transformador, e até mesmo o caráter ideológico de determinados autores. Concebemos, dessa forma, que a poesia, assim como uma diversidade de outros saberes, também se afirma como um elemento de intervenção política e social.

Ao longo de séculos a poesia diversificou-se, apresentando-se de diferentes maneiras e mostrando praticamente todas as faces das inúmeras sociedades que a humanidade já produziu. Historicamente o fazer poético esteve nas mãos de poucos, usufruído sob a égide da elites, mas, em diversos momentos, é possível encontrá-lo a serviço das massas, relendo a sociedade pela ótica perturbadora dos explorados. Viés importantíssimo se considerarmos especialmente que, com a “evolução” da raça humana, de suas relações e seu conseqüente segregamento em classes,

as palavras deixaram de ser instrumento para os homens se relacionarem entre si, e com a natureza, e passaram a ser na maioria das vezes instrumento de sedução, de venda, de veiculação de mentiras, etc. A linguagem deixou de ser uma expressão de autenticidade para se tornar predominantemente um meio de dominação do homem sobre o homem.

Paixão (1982:21)

A sociedade brasileira, especialmente no século XX, apresenta-se como um exemplo de como a poesia atravessa também esse viés. Ao longo do último século, muitos de nossos grandes poetas tiveram sua obra marcada pelo compromisso social, entre eles Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Drummond, Ferreira Gullar e Mário Quintana.

Como ressalta Alfredo Bosi em *O Ser e o Tempo da Poesia* (1990:158), “a práxis também gera poesia e, desde os profetas bíblicos até Maiakovski, Brecht e Neruda, a recusa irada do presente, com vistas ao futuro, vem nos proporcionando textos de inquietante força poética”.

É dessa forma, em uma obra marcada pelo lirismo, que encontramos o objeto de nosso estudo: *O Operário em construção*. Escrito por Vinícius de Moraes em 1956, o poema nos lega uma das mais importantes ações sociais da poesia brasileira.

Entretanto, algo que aqui exige um registro, é o fato de que o valor de uma poesia não se mede, necessariamente, pelo seu teor social. Como afirma Eliot (1991:28), “a verdadeira poesia sobrevive não apenas à mudança da opinião pública como também à completa extinção do interesse pelas questões com as quais o poeta esteve apaixonadamente envolvido”.

Exige-se primeiramente que o poeta tenha algo a dizer, e que aquilo que é dito permita interação, ou seja, que além de ser o conteúdo de um homem, possua a capacidade de ser desperto no outro. É na interação, que a partir da leitura acontece entre escritor e leitor, que se define o valor de um poema. E esse valor, a importância que o texto poético adquire no contexto de quem interage, pode ter muitas faces, ou mesmo, traduzir-se como rosto em

branco, sem expressão. Tudo dependerá da ótica daquele que se relaciona com o texto. Para Eliot (1991:29): “Qualquer poeta, haja sido ele grande ou não, tem algo a nos proporcionar além do prazer... Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter, há sempre comunicação de alguma nova experiência...”

Entretanto, diferentes são as exigências que se pode fazer ao poeta, muito embora nem todas possam ser atendidas. É no encontro com a sociedade, quando se lhe solicitam respostas, que o fazer poético é posto à prova, podendo, se não oferecê-las, ser posto de lado, ou até mesmo marginalizado, conforme julgamento de “círculos determinados”, nos quais é previamente consumido.

Quando falamos em “círculos determinados”, é preciso deixar claro que esses círculos são formadores de opinião e que, a grande massa, quando lê poesia, já a encontra engarrafada, na prateleira certa, no local adequado. Em seu *Canto Geral*⁷, obra composta durante o exílio e publicada em 1949, o poeta chileno Pablo Neruda (1904 – 1973), homem de marcante atuação política, fala de algumas reações desses formadores de opinião à sua passagem do lírico ao social:

Quando eu escrevia versos de amor, (...)
me diziam: “Como és grande, oh, Teócrito!”
(...)e logo me fui pelas vielas das minas
para ver como viviam outros homens.
E quando saí, com as mãos manchadas de
 imundícies e dores,
eu as levantei a mostrá-las nas cordas de ouro,
e disse: “Eu não compartilho do crime.”
Tossiram, ficaram muito desgostosos, me
 cortaram o comprimento...

(2002:462-3)

A Universidade, os meios de comunicação e os grupos políticos, com vocação, ora popular, ora elitista, possuem critérios específicos, mediante os quais avaliam o texto poético. Um mesmo texto pode ser aceito ou rejeitado. O poeta lírico pode tornar-se piegas; o politizado, panfletário, ou, meramente populista. Nesse sentido, é interessante a análise do texto poético enquanto local de encontro e elemento unificador entre a qualidade artística e a abordagem (que conforme o ponto de vista se considera ou não pertinente) dos temas políticos e sociais. É esse aspecto um critério decisivo, determinante na avaliação de um texto/poeta.

Discorrendo acerca da cultura e da arte, o líder chinês Mao Tsé-Tung (1890-1976), principal comandante da Longa Marcha, a guerrilha rural que levaria a China ao socialismo a partir de 1949, faz uma reflexão que nos parece bastante acertada quando apontamos para esse local de encontro:

As obras de arte que não têm qualidade artística não têm força, por mais progressistas que sejam politicamente. Por consequência, nós nos opomos tanto às obras artísticas que contêm um ponto de vista político errado como à tendência para criar obras de “estilo cartaz e palavra de ordem”, as quais, ainda que corretas do ponto de vista político, manifestam uma falta de força artística.

(2004:211)

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

Escrito em 1956, *O Operário em Construção*, assim como *A Rosa De Hiroshima*, marca o engajamento social de Vinícius de Moraes. Composto a pedido de Jorge Amado, o poema veio a público no primeiro número de um quinzenário cultural de esquerda, o *Para-Todos*, editado pelo escritor baiano. Ao longo de 17 estrofes o poema narra a construção moral de um operário, que da ingenuidade avança à consciência de classe, fato que se dá de maneira solitária, após uma assombrosa constatação, o que o faz vislumbrar sua importância na máquina social:

De forma que, certo dia
A mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
- Garrafa, prato, facão -
Era ele quem os fazia...

O operário se vê transformado e passa a enxergar coisas que os outros não enxergam. Há, então, um momento de êxtase, pois o operário já vive, a partir daí, em uma nova dimensão: a dimensão da poesia:

...Pois além do que sabia
- Exercer a profissão -
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

É essa dimensão que o torna capaz de ver as coisas que os outros não vêem, compreendendo o contato com a poesia como um momento em que as palavras, segundo PAIXÃO (1982; p. 7), adquirem uma força incomum, estranha, como se das coisas banais elas revelassem um lado escondido. Inicia-se assim a estruturação de um novo indivíduo. O homem que sempre dizia *Sim* começa a dizer *Não*:

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia *sim*

Começou a dizer *não*.

Segundo o filósofo alemão Karl Marx (1818 – 1883), precursor do mais bem elaborado estudo acerca da luta de classes como fenômeno histórico ligado à trajetória das sociedades humanas, o Materialismo Histórico, é o aprofundamento das contradições de classes no seio da sociedade capitalista que produz as circunstâncias necessárias à transformação social, quando a exploração do trabalho leva a classe proletária a níveis de miséria insuportáveis. *O Operário em Construção* deixa claro seu viés marxista, uma vez que, ao fazer um paralelo entre os modos de vida de patrão e empregado, expõe o antagonismo entre duas classes (a burguesia, na figura do patrão; e o proletariado, na figura do operário):

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão...

No embate simbólico entre o *sim* e o *não* o poema de Vinícius propõe a construção de um novo homem. O operário, ao fazer uma releitura da ordem vigente, passa a rejeitá-la, atribuindo a si próprio um novo significado social.

Para contestar o conceito tradicional de propriedade, que tende a fornecer as coisas um caráter particular, restritivo, alheio ao usufruto coletivo, o poeta reescreve a clássica passagem bíblica (Lucas - 4, 5 a 8), na qual, levado a um alto monte pelo diabo, Jesus Cristo tem sua hegemonia questionada. Os valores tradicionais que atribuem a Deus, na figura de seu filho, o senhorio de todas as coisas, são questionados pelo representante do “mal”, que se apresenta como elemento transgressor, *negador* das relações protagonizadas por Cristo. Numa leitura superficial da reescritura de Vinícius, pode-se associar facilmente o operário ao Messias; entretanto, considerando a função que exerce, uma leitura mais atenta o indica ao papel de “Satanás”, uma vez que vai contrapor-se a ordem pré-estabelecida. A seguir a reescritura:

De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região (...)
(...) - Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação (...)
(...) Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.

O pedreiro, por sua vez, adquirindo uma nova dimensão, rejeita o suborno do patrão, num momento em que já não concebe como legítima a sua propriedade: “E o operário disse: Não!”

Reconhecendo todas as coisas como fruto de seu trabalho, considera-se, então, proprietário: “...Não podes dar-me o que é meu”.

Ao assumir-se como dono de tudo aquilo que o patrão julga pertencer-lhe, o operário deixa de ser um indivíduo, tornando-se símbolo representativo de uma classe, aspirante ao poder, em detrimento da figura patronal, símbolo de usurpação.

Num momento histórico de bi-polaridade e guerra fria, a partir do qual a disputa entre os blocos socialista e capitalista proporciona o aprimoramento do capitalismo nos Estados Unidos e nos países influenciados, o autor alude explicitamente a fórmula soviética, na qual há a coletivização do trabalho e dos ideais, bem como a abolição do sentimento individual de propriedade e de acumulação de riquezas e, conseqüentemente, a extinção da figura patronal. O operário construído por Vinícius é o operário modelo, minoria no Brasil da época, que se alinhava decisivamente ao bloco capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vinícius de Moraes não é apenas o poeta das mulheres, como ainda se acredita; politizado, enveredou pelo social, apresentando, em momentos importantes de sua obra, um forte teor ideológico. Conhecedor e adepto do marxismo, é autor de poemas como *Os Homens da Terra* e *O Operário em Construção*, carregados de inquietante força social. *O Operário em Construção* reflete com clareza o posicionamento político do poeta, numa espécie de odisséia em que um pedreiro, a princípio “alienado”, atinge a plenitude da consciência social através da dimensão da poesia, o que o faz questionar a hierarquia da relação de trabalho em que se insere.

A leitura que realizamos permitiu-nos comprovar o engajamento social de Vinícius de Moraes, que constrói o seu operário à luz do trabalhador europeu-soviético, à época, politicamente mais avançado que o brasileiro, numa saga em que a indignação do personagem envolve intensamente o leitor. Propusemos, assim, uma outra discussão acerca do poeta, uma vez que mesmo nos círculos acadêmicos, textos como *O Operário em Construção* podem ser recebidos com espanto, sendo a sua autoria motivo de estranheza.

Afora todo o seu aspecto social, e a constante alusão a conceitos marxistas, o poema permite uma importante reflexão sobre o valor poético: Vinícius nos apresenta a dimensão da poesia como elemento decisivo, fundamental à interpretação do mundo e das relações sociais. Reconhecendo-a como um divisor de águas na história do *operário*, e mola

propulsora de sua construção, apontamos para essa linguagem e para esse universo fantástico como detentor de uma função social imensurável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

CASTELLO, José. **Vinícius de Moraes**. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2005.

CÍCERO, Antônio & FERRAZ, Eucanaã. **Nova Antologia Poética: Vinícius de Moraes**. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2005.

ELIOT, T. S. **De Poesia e Poetas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.

MCLELLAN, David. **As Idéias de Marx**. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

NERUDA, Pablo. **Canto Geral**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

PAIXÃO, Fernando. **O Que é Poesia**. João Pessoa: Editora Brasiliense, 1983.

TSÉ-TUNG, Mao. **O Livro Vermelho**. São Paulo: Martin Claret, 2004.